

Telejornalismo em tempos de convergência: uma proposta de planejamento de aula¹

Luciana Rocha de Magalhães Barros²

RESUMO

Neste artigo apresentamos a necessidade de mudança na sala de aula a partir da chamada Revolução Digital. O perfil dos alunos não é mais o mesmo com a conexão à Internet e a utilização de diferentes dispositivos como smartphones e tablets, entre outros. Com a conexão permanente ao mundo da tecnologia, o mercado de trabalho do jornalista também se modificou e as IES não podem passar ao largo desta movimentação. A utilização das TICs no dia a dia da sala de aula, particularmente no ensino de Telejornalismo, apresenta-se como uma experiência enriquecedora para os estudantes e os professores.

Palavras-chave: telejornalismo. televisão. convergência. tecnologia. educação.

ABSTRACT

In this article we present the need for changes in the classroom, due to the so-called Digital Revolution. Students are not the same anymore after Internet hookups and the use of multiple devices such as smartphones and tablets, among others. With permanent connection to the world of technology, the job market for the journalist has also been changed, and higher education institutions must not ignore such trend. The use of Information and Communication Technologies (ICT), especially in Telejournalism undergraduate courses, can be an enriching experience for students and teachers.

Key words: telejournalism. television. convergence. technology. education.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediados pelo mundo.”
Paulo Freire

1 Acessível a apenas um clique

A mídia, a cultura e a educação são conceitos totalizadores, artifícios de raciocínio. Em uma sociedade fragmentada por diferenças culturais e socioeconômicas, os meios de comunicação de massa podem contribuir para a superação de tais desigualdades, mas também podem acabar promovendo esta atomização. De acordo com Canclini (1997, p. 283), a mídia se tornou a constituinte dominante do sentido "público" da cidade e sua ação simularia "a integração de um imaginário urbano desagregado". Cabe destacar que não utilizamos aqui

¹ Este artigo foi adaptado de monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialização em Tecnologias em Educação em novembro de 2014. Orientadora: Prof^a. Carmem Petit.

² Graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 1982. É editora de texto Internacional no canal a cabo GloboNews, da Rede Globo de Televisão, no Rio de Janeiro. Também é professora de Telejornalismo na PUC-Rio.

"esfera pública" no sentido proposto por Habermas. Para o autor, um sujeito só faz parte de uma esfera pública quando é portador de uma "opinião pública" (2014, p. 10). Segundo Habermas, a "opinião pública" se coloca no sentido da ideia de reputação, ou a consideração que se realiza em relação ao outro. Trata-se da comunicação simbólica. Como descreve Rodrigues (1989, p. 143), "na medida em que são sistemas de codificação, cada cultura equipa os homens com uma lente específica, através da qual transparecerá um mundo particular"; por isso, consideramos que mídia e educação são parte dessa gramática.

Há um movimento constante de unificação e atomização que também perpassa a nossa cultura (ocidental e cristã) e a educação. Mídia, cultura e educação se relacionam numa gramática simbólica, que atribui sentido às suas próprias relações. É indiscutível que a educação é um elemento de socialização humana – seja a educação formal, recebida nas escolas, ou a educação adquirida de nossos pares (família, grupo social, cada um com seus respectivos códigos). Também é inegável que a educação é essencialmente normativa. Isto posto, nos deparamos com várias questões importantes para o universo da sala de aula, sobretudo a partir das mudanças provocadas pela tecnologia nas últimas três décadas. Como construir a ideia de conhecimento quando ele parece estar totalmente acessível a apenas um clique? Qual o papel do professor, que perdeu a hegemonia do saber em sala de aula? Como ensinar jovens nascidos na cultura da convergência, como mantê-los interessados em sala de aula? Os desafios não são poucos nem tenho a pretensão de esgotá-los neste trabalho.

Nosso objetivo é trazer essas reflexões para o universo da disciplina de Telejornalismo, oferecida pelo Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio e obrigatória para alunos do quinto período do curso de Jornalismo, e traçar linhas iniciais de trabalho dentro da necessidade de mudança que se impõe à educação no presente. Voltando no tempo, observamos que Telejornalismo é uma disciplina relativamente jovem na grade da graduação em Jornalismo da PUC-Rio e que, quase à semelhança do que vem ocorrendo no mercado de comunicação, tem passado por saltos e transformações tanto teóricas como técnicas, como relataremos a seguir.

Algumas perguntas nortearam o presente trabalho. A televisão mudou de fato com a revolução digital? Quem é o profissional de televisão neste ambiente? Podemos falar em uma só televisão? Lembramos que a televisão vem se modificando continuamente. Desde 1923, quando o russo Vladimir Zworykin criou o tubo iconoscópico, a televisão transforma-se acompanhando mudanças tecnológicas e sociais amplas, e ainda de acordo com a dinâmica cultural de cada sociedade (FILHO, 2009). E a partir de todas essas questões, como se dá o

ensino de Telejornalismo na PUC-Rio? Como torná-lo atual e formador de cidadãos críticos, capazes de enfrentar um mercado que passa por um momento de grande ebulição e incerteza?

A partir dessas reflexões, propusemos um planejamento de aula incorporando recursos do ensino presencial e outros já utilizados no ensino a Distância (EaD), numa combinação que resulta no *blended learning*³, ou ensino híbrido ou semipresencial. O termo pode ser utilizado tanto quando aulas presenciais são combinadas com atividades a distância (objeto do nosso estudo) ou quando um curso a distância requer aulas ou encontros presenciais. Além disso, consideramos também válidas ferramentas já existentes e presentes no cotidiano dos jovens que chegam à universidade, tais como redes sociais, aplicativos de comunicação, sites de compartilhamento de vídeos, entre outras. Não consideramos tais propostas excludentes, mas complementares e adaptáveis às necessidades do professor e dos alunos.

Para realizar o presente trabalho, recorreremos aos saberes adquiridos nas disciplinas do curso de Especialização em Tecnologias no Ensino Superior, oferecido pela PUC-Rio em 2013/2014, assim como às teorias do Construtivismo de Piaget, à proposta de educação para o futuro de Edgar Morin, ao pensamento do filósofo Pierre Lévy sobre a cultura virtual contemporânea e às ideias do filósofo e professor Henry Jenkins, considerado um dos principais pensadores do impacto das novas tecnologias na nossa vida.

Recorreremos também à pesquisa de campo na universidade e com os estudantes de Telejornalismo que formam as duas turmas dessa disciplina para as quais lecionava no momento da elaboração deste trabalho. Os 39 alunos foram convidados a responder um questionário cujo objetivo era saber como se dá a relação desses jovens com a tecnologia na vida diária e – especialmente – em sala de aula. Nossa experiência como professora, em sala de aula, e como jornalista atuante em jornal impresso e em TV – aberta e a cabo – nos últimos 30 anos também foi importante para a realização trabalho.

2 Telejornalismo: desafios nas redações e na sala de aula

Nos anos 1980, a disciplina Telejornalismo não existia na grade do curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio. Na época, o Departamento não tinha instalações necessárias para o estudo ou a prática televisiva e também sofria as consequências da falta de recursos econômicos. O momento político do país igualmente era outro: o Brasil ainda vivia sob o regime militar e a televisão ainda não tinha conquistado

³ Blended learning: combinação do aprendizado online com o offline, em modelos que mesclam (blended, em inglês, significa misturar) momentos de aprendizagem presencial, valorizando a interação entre pares e entre aluno e professor, com outros em que o aluno estuda sozinho, de maneira virtual.

importância como veículo formador de opinião. Depois da criação do Ministério das Comunicações, em 1967, o processo de concessão de licenças passou a levar em conta as necessidades nacionais e também os objetivos do Conselho de Segurança Nacional, que eram promover o desenvolvimento e a integração nacional.⁴ É neste ambiente, em fins da década de 1960, que os cursos de Comunicação Social proliferaram no país (MATTOS, 2010, p. 32).⁵

2.1 Novos equipamentos, novas práticas

Duas décadas mais tarde, na PUC-Rio, o laboratório de Jornalismo Impresso, por exemplo, contava com máquinas de escrever (algumas elétricas, mas lembramos que este era o equipamento utilizado nas redações à época) e a estrela era o Radiojornalismo. A PUC-Rio foi pioneira entre as universidades particulares ao montar um estúdio de rádio, idealizado e executado pelo professor Manoel Wambier.⁶ Na década seguinte, o professor Wambier continuou ajudando a definir as disciplinas relacionadas a rádio e TV e a montar também os laboratórios de ambas. Ele coordenou programas de rádio e depois de TV produzidos como exercícios de aula pelo Departamento, até o início dos anos 1990. É nessa época que o Telejornalismo passa a integrar a grade da graduação da PUC-Rio, entretanto o ensino da disciplina ainda se dava sem a utilização de câmeras ou outros equipamentos necessários à prática. Os primeiros computadores surgiram em 1994, no laboratório de redação, e eram IBM 486. Em 1998, a universidade adquiriu os primeiros Apple G3-300, que deram origem a dois laboratórios. Também a partir dos anos 1990 foram adquiridas as primeiras câmeras, assim como o estúdio de TV e as ilhas de edição. Desde o ano 2000, o curso de Comunicação Social passou a contar com mais laboratórios equipados com computadores. Neste processo de constante atualização, a graduação em Comunicação Social dispõe atualmente de:

(...) recursos modernos, como estúdio de televisão, ilhas de edição digital para TV e cinema, estúdio de som digital, salas de redação e de produção gráfica informatizadas, salas de produção gráfica informatizadas, salas de projeção multimídia e laboratório de convergência de mídia, que compõem o quadro de aprimoramento prático oferecido pelo Departamento.⁷

São 30 salas de aula e seis laboratórios, 130 professores e um total de 2 mil alunos, de acordo com os dados mais recentes da direção do Departamento. O curso de Comunicação

⁴ Importante lembrar que este meio de comunicação também serviu aos propósitos de propaganda e alienação da ditadura.

⁵ A primeira escola de Jornalismo do Brasil (Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero) foi fundada em 1947, em São Paulo.

⁶ Desde 1998, os laboratórios de Rádio e TV da PUC-Rio têm o nome do professor Manoel Wambier (nascido em 1942, em Ponta Grossa, e falecido em 1993, no Rio de Janeiro).

⁷ Trecho retirado do site do Departamento de Comunicação Social. In: **O que é o curso**. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccg/comunicacao.html>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

Social da PUC-Rio é o mais bem equipado da cidade do Rio de Janeiro e tem como "fundamento básico a formação humanística aliada ao fazer técnico".⁸ Em outras palavras, o resultado esperado é a formação de cidadãos críticos, capazes de enfrentar uma sociedade e um mercado de trabalho especializado, que priorizam o espírito de competição e o sucesso individual. Atualmente, os alunos do Departamento dispõem dos seguintes laboratórios: sala K512 com 20 computadores Mac Pro adquiridos em 2012 para edição de vídeo com o programa Final Cut e edição de áudio com o software Cubase; sala K514 com 20 IMacs adquiridos em 2008; salas K610, K612, K614 e K616 com um total de 80 PCs (20 computadores em cada uma); sala K515 com 10 computadores Apple para edição de vídeo; sala K510 com três laboratórios de edição de áudio (PCs com Vegas e Sound Forge e um Mac Pro para mixagem de áudio com Pro tools e Nuendo) e 25 salas de aula (inclusive auditório) com PCs.

Se no ambiente do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio observamos avanços e mudanças notadamente nas duas últimas décadas, não seria equivocado afirmar que tais transformações podem igualmente ser identificadas no ambiente jornalístico brasileiro no mesmo período. Para os objetivos do presente trabalho, vamos destacar algumas das mudanças ocorridas na TV brasileira e nas redações de TV nestas mesmas duas décadas.

No momento em que este trabalho é redigido, os profissionais de televisão não pensam e trabalham apenas para a *HD TV* ou TV de alta definição. Há dois novos formatos, ainda experimentais no Brasil: a *Ultra High Definition Television (UHDTV* ou *Ultra HDTV*, 4320p e *Ultra High Definition Video* ou *UHDV*), a TV de ultra-alta definição 4K UHD (2160 pixels) e 8K UHD (4320 pixels). Os especialistas consideram as resoluções 4K e 8K limites para os televisores domésticos devido a restrições próprias do olho humano. Discutir tais tecnologias ainda altamente experimentais não é o objeto do presente estudo, mas nos referimos a elas para situar o momento de efervescência tecnológica e experimentação, que não pertence mais a um futuro distante.

2.2 A audiência conectada em múltiplas telas

Mas o processo de mudança tecnológica não avança sozinho; os profissionais de televisão também continuam mudando. Observemos o que ocorre a partir dos anos 1980, coincidindo com a gradual redemocratização do Brasil e o fim do regime militar cinco anos mais tarde. Naquela época, em São Paulo, Joelmir Beting tornava-se o primeiro jornalista a atuar como âncora na TV brasileira no *Jornal da Bandeirantes*. A atuação do jornalista era no

⁸ Ibid.

improvisado, uma "ancoragem cirúrgica", em que, às vezes, era preciso preencher vários minutos de vazio no telejornal "sem saber qual seria de fato a próxima notícia" (Beting, *apud* VIEIRA, 1991, p. 122-23), um modelo bastante distinto do norte-americano de ancoragem. No mesmo período, o *SBT* era o vice-líder de audiência da TV brasileira (atrás da *TV Globo*) com uma programação bastante popular. O projeto do empresário Sílvio Santos, então considerado audacioso, foi criar um telejornal "sério e de credibilidade para atrair os formadores de opinião e mudar a imagem da emissora" (PATERNOSTRO, 2006, p. 35). Nesse contexto surge o *TJ Brasil*, com o jornalista Bóris Casoy, que, além de conduzir o noticiário, passou a fazer entrevistas e emitir comentários pessoais sobre os fatos. Durante a década de 1980, até fins da década seguinte, observa-se uma tendência à uniformização dos conteúdos dos telejornais de rede. Os apresentadores são valorizados, o jornalismo sai do estúdio e busca a rua; os correspondentes e enviados especiais também ganham destaque, especialmente na *TV Globo* (líder e mais rica das emissoras). Mas formatos e conteúdos dos diferentes telejornais permanecem semelhantes (REZENDE, 2010, p. 70). No fim da década de 1990, especialmente com as novidades na TV por assinatura (em outubro de 1996 é inaugurada a *Globo News*, canal exclusivo de jornalismo da *Rede Globo de Televisão*, 24 horas no ar), observamos uma crescente conexão com a chamada aldeia global⁹. Como destaca Paternostro (2006, p. 35-36):

O telespectador está totalmente acostumado com a televisão, tem o hábito e sabe onde encontrar informação e entretenimento. Com a implantação da TV por assinatura, o público tem a oferta de canais variados, nacionais e estrangeiros, programação segmentada e globalizada, mas o preço da assinatura não faz o mercado crescer como o esperado.

Estratégias são revistas; algumas emissoras de TV aberta enfrentam momentos difíceis (...) As emissoras vivem uma época marcada pelo vale-tudo em nome da conquista de pontos nos índices de audiência.

Ao chegarmos ao século XXI, a televisão brasileira trilha o caminho da qualidade digital de sons e imagens, e simultaneamente a essa mudança tecnológica tenta rever conceitos, paradigmas e parâmetros. Se, por um lado, aprimora de forma indiscutível a qualidade das transmissões e dos produtos jornalísticos oferecidos ao público, por outro se depara com uma espécie de *crise de identidade*, quase que perdida num mundo mais globalizado ainda pela Internet e no qual o telespectador há muito tempo não é mero receptor nem figura passiva nesta relação. A dispersão da audiência leva preocupação aos empresários de comunicação e semeia também a incerteza entre os profissionais nas redações das

⁹ Termo cunhado pelo filósofo canadense Marshall McLuhan, ainda nos anos 1960, para indicar que as novas tecnologias eletrônicas encurtam distâncias e o progresso tecnológico reduz todo o planeta à situação semelhante de uma aldeia, em que todos os seus integrantes estão interligados de alguma forma.

emissoras, tanto na TV aberta como na TV a cabo, também chamada de TV paga ou TV por assinatura. Vale lembrar que a TV a cabo chegou ao Brasil nos anos 1990, quase dez anos depois do seu aparecimento na Argentina, no Chile, na Colômbia e na Bolívia. Apesar desse atraso brasileiro, a TV paga provocou mudanças no comportamento do público, que passou a poder escolher o que assistir.

Há quem, ainda hoje, se arrisque a decretar o fim da televisão e a sua substituição pelo computador e pelas programações na Internet. Nas pesquisas das décadas de 1980 e 1990, encontramos análises que sugerem a convergência de todos os meios de comunicação de massa para a Internet, que assim – vemos agora que de maneira simplista – seria responsável pelo desaparecimento de livros, jornais, emissoras de rádio e TV, etc. As sugestões valorizavam determinismos tecnológicos ou uma perspectiva de substituição midiática. Jenkins (2008, p. 30) nos traz o enfoque atual de convergência:

Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (...) a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. (...) A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros.

Ao considerarmos que a produção de conhecimento em novas mídias decorre do trinômio tecnologia-comunicação-sociedade, o paradigma nos parece não ser mais o da revolução digital, que imaginava que as novas mídias substituiriam as antigas, mas o da convergência, em que novas e antigas mídias vão interagir de maneira cada vez mais complexa. Como alerta Jenkins (2008, p. 343), "a convergência é, nesse sentido, um conceito antigo assumindo novos significados".

A televisão deixa de ser apenas uma janela para o mundo. Como detentores de múltiplas telas-janelas, passamos a ver o mundo fragmentado em termos de espaço e tempo, através de janelas virtuais sustentadas no múltiplo e simultâneo mais do que no singular e sequencial. A análise da fragmentação da janela televisiva fala sobre experiências cada vez mais personalizadas, a multiplicidade de opções e as mudanças na forma de se comunicar e engajar oferecidas pela TV digital. Frequentemente ouvimos promessas sobre a conveniência de uma experiência televisiva "a qualquer hora, em qualquer lugar" (BENNETT, 2011, p. 5), somos igualmente convidados a participar de comunidades, "dividir momentos televisivos, ver ao vivo agora, ir para casa ver TV e estruturar nossas vidas diárias em torno da TV".

Cabe destacar que, em nossos dias, assistir TV conectado à Internet, seja no computador, smartphone ou tablet, é um hábito crescente em todo o mundo. Uma pesquisa da

consultoria global TNS¹⁰ feita este ano com 55 mil usuários de Internet em todo o mundo concluiu que as pessoas continuam ligadas na TV, mas os hábitos de consumo de conteúdo dos telespectadores estão mudando rapidamente. O televisor não satisfaz mais nosso apetite por conteúdo, o que leva ao crescimento da mídia online e à superposição de telas (*screen-stacking*), fenômeno também chamado de "segunda tela". A pesquisa, intitulada *Connected Life 2014 (Vida Conectada 2014)*, concluiu que quase a metade (48%) dos mais de 55 mil usuários de Internet entrevistados em todo o mundo que assistem TV à noite está simultaneamente executando outras atividades digitais: navegando nas redes sociais, checando emails ou fazendo compras online. O desejo de ver o seu programa de TV favorito a qualquer hora do dia também está causando o aumento do consumo da televisão online, diz a pesquisa da TNS. Assim, 25% dos entrevistados em todo o mundo assistem a conteúdos de TV diariamente em computadores, laptops, tablets ou telefones celulares. Ainda assim, apesar do crescimento desse consumo online, o televisor tradicional continua a ocupar uma parte importante das nossas vidas: 75% dos entrevistados disseram que se sentam diante da TV todos os dias. Aqueles que costumam ver TV na hora do jantar não desapareceram. A TNS afirma que três em cada quatro telespectadores (76%) prestam atenção exclusivamente à TV na hora do jantar. O executivo responsável pela pesquisa, Matthew Froggatt, comentou os resultados:

Em um mundo em que a norma é ser multitarefa, o contexto em que vemos TV está mudando rapidamente — não há mais o sofá em casa sem nenhuma distração digital à nossa volta. Em vez disso, o crescimento da superposição de telas e da TV online é imenso (...) isso significa que as marcas vão precisar ter uma abordagem online mais integrada, se quiserem conquistar os consumidores.¹¹

Atentas ao fenômeno da "segunda tela", as emissoras de TV no Brasil, abertas e pagas, vêm adequando as programações em busca da integração de novas plataformas, levando a interação e convergência com mídias digitais. Isso pode ser observado, por exemplo, em programas de diferentes emissoras, que estimulam o uso da "segunda tela" por meio de interações no microblog *Twitter*. A experiência, iniciada em produtos de entretenimento vem se expandido também para os telejornais, especialmente nos canais da TV a cabo. O objetivo principal é a aproximação das múltiplas telas, numa espécie de teia que tentaria impedir a fuga do telespectador, que vai se traduzir em perda de audiência e, mais adiante, em queda de faturamento. Com o avanço tecnológico, o telespectador ganha mais poder de decisão e

¹⁰ A TNS é uma das empresas do Grupo Kantar, fundado em 1993, com sede no Reino Unido e filiais em 80 países.

¹¹ Tradução livre da análise de Matthew Froggatt no relatório da pesquisa *Connected Life 2014 (Vida Conectada 2014)*. Disponível em: <<http://connectedlife.tnsglobal.com/>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

influência sobre o conteúdo, numa mudança de relação com a televisão que tem provocado intensa angústia nas empresas de comunicação.

É deste contexto de novas relações com a TV e o universo digital que vêm os estudantes de Comunicação Social da PUC-Rio.

2.3 À procura de conexões em sala de aula

Em busca do que vamos chamar de "perfil tecnológico" desses jovens do quinto período do curso de Jornalismo, que cursam a disciplina de Telejornalismo, aplicamos um breve questionário, que foi respondido espontânea e voluntariamente por 12 estudantes de um total de 39, divididos em duas turmas. Cinco questionários foram respondidos por jovens de 20 anos, um por um aluno de 21 anos, dois por alunos de 22 anos, três de 23 anos e um de 27 anos. Todos os respondentes afirmaram que usam sempre o celular. Quase todos informaram que recorrem a aplicativos de comunicação como *Whatsapp* e a redes sociais como *Facebook*, não só no dia a dia mas também para discutir e realizar trabalhos em grupo na universidade.

É este estudante, conectado ao mundo por meio da tecnologia e submetido a um bombardeio maciço de informações de todos os tipos e origens, que chega às salas de aula de Telejornalismo da PUC-Rio. Como uma sala de aula e um professor convencionais podem atrair o interesse desses jovens? E mais: como as tecnologias do dia a dia podem ser incorporadas à sala de aula e como estão mudando o fazer jornalístico nas redações? No momento em que este trabalho é realizado, o profissional valorizado nas redações é o chamado multitarefa (em inglês, *multitask*). No ambiente televisivo, é o profissional capaz de produzir, apurar, reportar e editar o próprio material.

Não podemos deixar de mencionar uma outra importante mudança: agora o público produz conteúdo e contribui para a produção de reportagens. Esta participação se dá graças à convergência da televisão com a Internet e a telefonia móvel. Atualmente, uma imagem captada com um smartphone pode ser postada na rede mundial de computadores e reproduzida por uma emissora de televisão ou ser enviada pela Internet ou mensagem telefônica para a empresa de comunicação. O acesso às possibilidades de registro dos fatos é cada vez maior. A audiência passa a interferir no fazer jornalístico e ganha espaço nas redações. O olhar do jornalista precisa agora estar mais atento diante de um volume incrível de informações. O assunto para uma reportagem, a pauta, pode surgir a partir de pesquisas nas redes sociais ou de compartilhamento de vídeos. Fontes jornalísticas também são cultivadas por meio de redes sociais. Desta forma, desde cedo, antes da chegada deste jovem profissional às redações, o professor pode mostrar a ele tal universo e alertá-lo sobre os

desafios de uma nova relação com o telespectador. O público agora dispõe de canais instantâneos para manifestar sua crítica ao fazer jornalístico. As redes sociais e os microblogs não são mais ignorados pelos meios de comunicação como canais para tentar saber o que o público pensa ou como determinada cobertura repercutiu na audiência. No caso das grandes empresas de comunicação brasileiras, tal relacionamento ainda é frágil e de desconfiança mútua. Por sua vez, na chamada mídia alternativa podemos observar o crescimento de um jornalismo colaborativo, construído por meio de experiências de profissionais da área e gente comum, geralmente jovens. As relações de poder estão ganhando novas roupagens, embora isso não signifique mudança verdadeira ou democratização da informação, mas o objetivo deste trabalho não é deter-se numa análise aprofundada desta questão.

A convergência das mídias, como alerta Jenkins (2008), é bem mais do que apenas uma mudança tecnológica. Vamos até o século XVII, tempo do pioneiro educador francês São João Batista de La Salle, organizador do Ensino Fundamental e um dos precursores do Ensino Popular em pleno reinado de Luís XIV – época de riqueza econômica, humana e cultural para poucos, e de pobreza, especialmente educacional e religiosa para muitos. Vejamos alguns princípios que fundamentaram a ação pedagógica de La Salle (*apud* CORBELLINI, 2000, p. 5):

- o ensino é um direito de todos e deve ser gratuito para os pobres;
- a escola cristã é uma presença evangelizadora da Igreja e deve humanizar, promovendo a síntese entre a fé e a cultura;
- a escola desenvolve um ensino de qualidade, uma séria formação dos educadores e dos educandos, e constitui-se numa comunidade educativa;
- ao educador cabe conhecer e amar seus alunos e consagrar-lhes “firmeza de pai e ternura de mãe”;
- o educando se prepara para a vida mediante um aprendizado amplo e prático, através da participação ativa nas aulas e na vida escolar.

Observamos que vários dos fundamentos acima podem ser encontrados ainda hoje, em pleno século XXI, nas instituições de ensino. Então nada mudou? Não, o paradigma é exatamente este. A organização social mudou, assim como a própria Igreja e a família, etc. Mas vale destacar como permanece atual o último dos princípios citados acima: o educando se prepara para a vida mediante um aprendizado amplo e prático, através da participação ativa nas aulas e na vida escolar. Mesmo hoje o professor se vê diante do desafio de localizar o que seria tal aprendizado amplo e prático, assim como promover a participação ativa dos estudantes nas aulas e na vida escolar. Resumidamente são praticamente quatro séculos de dilemas, crises e de constante exercício de poder (FOUCAULT, 1987, p. 126). Ainda encontramos educadores que acreditam na importância de uma pedagogia marcada pela "firmeza de pai e ternura de mãe" pregada por La Salle. Neste momento, não é nosso objetivo

analisar o olhar classificador deste tipo de docente nem os processos de avaliação do alunado. Entretanto, o cenário educacional que se apresenta merece atenção:

Universidades brasileiras não são adeptas a transportar as inovações pedagógicas para o uso geral diário. A inovação nasce da liberdade para conectar ideias de novas maneiras. As escolas e universidades geralmente permitem que os alunos correlacionem ideias apenas em formas pré-estabelecidas – às vezes, estas formas levam a novas descobertas, mas o mais provável é que elas levem à aprendizagem mecânica. As atuais estruturas de promoção organizacionais raramente recompensam a inovação e melhorias no ensino e na aprendizagem. A aversão profunda à alteração limita a difusão de novas ideias e, também muitas vezes, desestimula a experimentação.¹²

Um dos desafios é aplicar os recursos da EaD, sempre que possível, de modo a melhorar a qualidade, a eficácia e a eficiência da educação. O professor está no mesmo ambiente que o aluno para orientar a ação educativa que vai gerar a aprendizagem e utiliza o ambiente virtual para complementar um processo preparado presencialmente. O foco permanece na sala de aula, mas o eixo complementar e inovador será definido pelo uso das tecnologias de educação a distância. É importante considerar que a falta de experiência nesta modalidade e a arraigada cultura de ensino presencial podem levar os professores a se limitar a indicar textos para leitura, apresentar exercícios semelhantes aos que dão em sala, postar material que estaria disponível para os alunos no guichê das copiadoras, enfim práticas que apenas reproduzem comportamentos do ensino presencial, mas são pouco estimulantes para o ensino a distância. Não é possível ignorar que a vida dos alunos no ambiente virtual é natural. Falamos de jovens que são nativos digitais, habituados com todo tipo de tecnologia. Na busca por novidade e informação, os jovens de hoje têm contato com grande volume de conteúdos audiovisuais, em velocidade intensa, com necessidade de interação constante. E o acesso às tecnologias oferece possibilidades ilimitadas de interatividade global, como mostram Carlini e Tarcia (2010):

Redes sociais na Internet, comunicadores instantâneos, uso contínuo de telefone celular, SMS (*short message service* – serviço de mensagens curtas), diários eletrônicos (blogs), redes de compartilhamento de conteúdos, games colaborativos e outros meios de interação virtual se constituem e são organizados continuamente e atraem a atenção dos jovens, em grandes movimentos ou tendências. Cumprem um papel social e substituem as formas de convívio e interação presenciais tradicionais, nem sempre possíveis ou desejáveis para eles, como as reuniões em família e os trabalhos escolares realizados em grupo, na casa de um colega de classe, por exemplo (p. 30).

Também faz-se necessária uma abertura do professor, um transitar entre o conhecimento das teorias de aprendizagem vigentes e das Tecnologias da Informação e

¹² O relatório *Panorama Tecnológico NMC 2014 – Universidades Brasileiras, Uma análise regional do Horizon Project*, aponta desenvolvimentos importantes em tecnologias de apoio ao ensino, aprendizagem e investigação criativa, e o impacto das tecnologias emergentes nas IES no Brasil nos próximos cinco anos.

Comunicação (TICs). Neste sentido, as contribuições de Piaget e Foucault nos parecem as mais indicadas na busca de uma aprendizagem que leve em conta as tecnologias, sem preconceitos e exclusões. Alguns professores consideram que a tecnologia pode ser capaz de ocupar o lugar deles na sala de aula. É importante lembrar que a tecnologia por si só não tem autonomia para gerar processos e situações de aprendizagem. No entanto, nos casos em que o professor assume o papel de mero transmissor de um conhecimento pronto, a tecnologia pode transmitir o mesmo conhecimento de forma mais criativa, sistêmica e multimidiática (CARLINI; TARCIA, 2010, p. 19).

O saber – ensina Piaget – é uma construção contínua, a partir da ação do sujeito (neste caso, o aluno). Essa construção contínua do conhecimento se dá a partir da interpretação das informações. O processo de inteligência descrito por Piaget inclui a assimilação e a acomodação. Mais tarde, como amadurecimento, vêm o que ele chamou de equilíbrio e as abstrações empírica e reflexiva. Deste modo, consideramos o Construtivismo a linha pedagógica mais indicada para formar pessoas de espírito inquisitivo, participativo e cooperativo – atributos que consideramos essenciais para a prática do Jornalismo. No entanto, este caminho apresenta grandes desafios ao professor: ele vai precisar mostrar-se aberto e livre, um fugitivo do chamado *pensamento prático*. Podemos arriscar que tais desafios serão especialmente intensos nas disciplinas de cunho prático, como Telejornalismo e possivelmente em outras consideradas técnicas na grade do curso de Comunicação Social da PUC-Rio. A relativização de conceitos, fórmulas e formatos passará a dominar a sala de aula – tanto aquela constituída por quatro paredes e concreta, quanto a virtual, construída com diferentes ferramentas e recursos oferecidos pelas TICs. Não podemos ignorar também o modelo conhecido como *sala de aula invertida (flipped classroom)*, que subverte e inverte a organização da sala de aula e sua lógica. Os alunos aprendem conteúdos em casa, por meio de diversos recursos interativos, como arquivos de áudio, videoaulas e mesmo games. A sala de aula se transforma em local para atividades em grupo, realização de projetos e exercícios, e o professor em mediador ou tutor, que tira dúvidas, aprofunda o assunto e estimula debates (BERGMANN; SAMS, 2012, p. 26). Mais uma vez recorreremos a Jenkins (2008) para lembrar que a convergência é um processo, não um ponto final. Cabe esclarecer ainda que, embora a palavra possa sugerir, convergência não significa concordância entre professores ou entre professores e alunos. A divergência, no sentido do debate de ideias, formatos e técnicas permanece importante para a busca desta convivência nos moldes de uma cultura em vertiginosa transformação.

Voltamos a afirmar que um curso de Telejornalismo fundamentado no Construtivismo, que integre as TICs, a aprendizagem híbrida e a sala de aula invertida significa um desafio e tanto para o professor, já que este precisará estar todo o tempo se renovando, para manter uma relação com os estudantes que não seja baseada pura e simplesmente na autoridade, mas na qualidade.

Não existe um padrão ou receita para uma educação de qualidade. Qualidade é um conceito dinâmico, em permanente revisão. Cada Instituição de Ensino Superior (IES) tem autonomia para propor e agir na busca da qualidade da educação. Neste sentido, o MEC dispõe dos Indicadores da Qualidade na Educação (2004) e dos Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância (2003). Aqui nos referimos à qualidade da relação professor-aluno.

Na perspectiva de muitos estudantes, os professores não são vistos como alguém que esteja ao lado deles. Não são encarados como alguém que os está preparando para competir com um adversário. Infelizmente, é frequente que os alunos encarem o professor como o próprio adversário – alguém que joga deveres trabalhosos e fórmulas desconexas para humilhá-los e assegurar que não tenham tempo livre. Esse ponto de vista é justo? Claro que não (KAHN, 2013, p. 198).

Os desafios são muitos e um deles é a necessária capacitação dos docentes. Observamos que existe um abismo tecnológico entre professores e alunos no Brasil. O Comitê de Especialistas do NMC 2014 Horizon Project, diagnosticou este problema:

Enquanto a última geração de alunos cresceu com dispositivos móveis, vestíveis e redes sociais, muitos professores não têm o mesmo nível de familiaridade. Apesar do consenso generalizado sobre a importância da educação para as mídias digitais, o treinamento nas habilidades e técnicas de apoio é raro na formação de professores e quase inexistentes na preparação de professores no Brasil. Como palestrantes e professores começam a perceber que eles estão limitando seus alunos por não ajudá-los a desenvolver e utilizar as competências de letramento digitais de mídia em todo o currículo, a falta de treinamento formal está sendo compensada por meio do desenvolvimento profissional ou de aprendizagem informal (p. 20).

Um caminho para reduzir a baixa fluência digital do corpo docente está na criação de programas do governo e das próprias IES em que os professores podem aprender continuamente como utilizar as novas tecnologias e descobrir maneiras criativas para integrá-las em seu currículo. Mas a questão não se limita somente a este letramento profissional. Não podemos deixar de citar alguns desafios de ordem técnica, que ainda prejudicam a adoção da tecnologia nas escolas e IES. Lembramos ainda que nem toda a população brasileira tem acesso à Internet e o wi-fi nem sempre é livre.

Tomemos o exemplo das redes móveis 3G e 4G brasileiras. Em ambas, os telefones celulares enviam sinais para as torres e, logo em seguida, essas torres repassam os dados para uma central de comunicações. A diferença está nos equipamentos e nas frequências. As

antenas 4G são mais baixas do que as 3G e têm um sinal considerado muito mais denso. Enquanto uma torre 3G é capaz de compartilhar o sinal com até 100 telefones, a 4G consegue suportar muito mais usuários simultâneos, algo entre 300 e 400 pessoas. Mas, por outro lado, as antenas 4G fornecem uma cobertura menor e isso exige a instalação de mais antenas para que o sinal seja constante e de qualidade. Em fevereiro de 2013, o Sindicato Nacional das Empresas de Telefonia e de Serviço Móvel Celular e Pessoal (SindiTeleBrasil) calculava que eram necessárias 9.566 licenças para a instalação de novas antenas 4G apenas nas 12 cidades que sediariam os jogos da Copa do Mundo de 2014 em cinco regiões do país. Em setembro de 2014, o governo leiloou seis lotes para a expansão do 4G na faixa dos 700 MHz, considerada mais indicada por exigir menos estrutura física para a transmissão de dados. Esta faixa, no entanto, é atualmente ocupada pela TV analógica. O desligamento da TV analógica e sua substituição pela TV digital devem ocorrer a partir de 2016 até 2018. Desta forma, a exploração comercial do 4G só começaria em 2019.

Outro problema citado por especialistas é que o 4G e a TV digital vão ocupar espaços muito próximos no espectro da banda, o que pode provocar interferências do sinal dos telefones no sinal televisivo. Constatamos que o 4G ainda não é uma realidade e que, com a crescente demanda da população por serviços móveis, em especial a banda larga no telefone celular, a rede 3G se encontra sobrecarregada e, também por isso, com deficiências no serviço de cobertura dos sinais.

Não é difícil perceber que a quarta geração da telefonia móvel nasce praticamente obsoleta no Brasil: na Europa já se fala em 5G, uma banda com velocidade 10 vezes maior que a do 4G. Com ela, ações como baixar e ver um filme, por exemplo, ocorrem simultaneamente e sem interrupção alguma. No entanto, o 5G é uma tecnologia tão nova que não há ainda uma definição técnica formal do termo e a expectativa é de que a União Internacional de Telecomunicações¹³ não deve introduzir este sistema antes de 2020.

Como vemos, não são poucos os problemas de ordem técnica e também econômica, mas não podemos nos prender ao que Lévy (1997, p. 56) define como visão estreita da informática, que "a reduz a um conjunto de ferramentas para calcular, escrever, conceber e comunicar mais depressa e melhor". As inquietações que se apresentam nas mais diversas áreas envolvem os rumos de um processo de criação cultural irreversível. Não devemos ficar

¹³ Agência das Nações Unidas dedicada a temas relacionados às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), fundada há 145 anos, em Paris, à época como União Telegráfica Internacional. A UIT coordena o uso global compartilhado da radiofrequência, promove a cooperação internacional na área de satélites, a melhoria da infraestrutura de telecomunicações em países em desenvolvimento e estabelece normas mundiais para a interconexão entre vários sistemas de comunicação. A agência da ONU também dedica atenção especial a temas como mudanças climáticas, acessibilidade e fortalecimento da segurança cibernética.

presos ao conceito de revolução digital e aos limites impostos ao acesso à Internet e às TICs, porque isto mantém nosso olhar voltado apenas para as tecnologias.

Vejamos a resposta de um aluno da PUC-Rio à pergunta número 3 do questionário aplicado pela professora, "Do que você sente falta em termos de tecnologia e ferramentas digitais em sala de aula, especificamente na disciplina de Telejornalismo? Cite cada uma delas e, se quiser, diga por quê.":

Sinto falta de programas e aplicativos específicos para a disciplina (Telejornalismo), que agilizem a produção dos trabalhos e exercícios (...) esse tipo de tecnologia possibilita maior proximidade com o ambiente do mercado de trabalho e facilita o aprendizado.¹⁴

Sim, o estudante tem razão: facilita o aprendizado e o aproxima da realidade que ele deverá encontrar no mercado de trabalho. Mas como resolver essa carência diante de um universo que parece tão repleto de problemas – sejam tanto de ordem estrutural quanto econômica? Atualmente, por exemplo, seria indicada a substituição dos equipamentos analógicos por outros digitais e a constante melhoria da rede wi-fi no campus. Lembramos que sinais intermitentes prejudicam o fluxo de mídia (*streaming*). É importante que a largura de banda¹⁵ (capacidade) seja suficiente para a reprodução de conteúdos; do contrário, haverá interrupções na transmissão de arquivos ou dados. Isto pode, por exemplo, impedir transmissões "ao vivo" em exercícios propostos pelo campus. Soluções criativas podem ser buscadas, especialmente dentro do universo de plataformas tecnológicas existentes, como redes sociais, sites de compartilhamento de vídeos e documentos, etc. A participação do estudante não pode ser deixada de lado. Acredito que a ampliação dessa participação levará a transformações e novas práticas culturais. Como alertam os pesquisadores contemporâneos da cultura da convergência, o momento ainda é de incertezas. Nada é definitivo e talvez nunca venha a ser neste mundo que se desenha e redesenha.

A possibilidade mais imediata de participação passa pelo BYOD (*Bring Your Own Device*): isso significa que os estudantes estão usando tablets e smartphones no dia a dia, como já mencionamos, e os trazem para a sala de aula. O BYOD permite que os alunos usem os dispositivos que mais gostem para a realização das tarefas propostas pelo professor. A pesquisa *Nosso Planeta Mobile: Brasil – Como entender o usuário de celular*, feita pelo Google em maio de 2012, com um total de mil brasileiros adultos (18 a 64 anos) que usavam

¹⁴ Ver Anexo 1, p. 40.

¹⁵ Largura de banda ou *bandwidth* (em inglês) é a medida da capacidade de transmissão de um determinado meio, conexão ou rede, determinando a velocidade com que os dados passam por esta rede específica. Todas as medidas de largura de banda são basicamente feitas em bits por segundo. A fibra ótica é atualmente o meio de transmissão com maior largura de banda.

smartphones¹⁶ para acessar a Internet, traz dados interessantes. Vejamos alguns. A difusão dos smartphones atinge 14% da população e essas pessoas dependem cada vez mais de seus dispositivos. Setenta e três por cento acessam a Internet todos os dias no smartphone e muitas nunca saem de casa sem ele. A pesquisa constatou ainda que os usuários de smartphones estão usando suas mídias para a realização de várias tarefas e 88% usam o telefone durante outras atividades, como assistir TV (46%). Os smartphones se tornaram tão importantes para os consumidores brasileiros que 27% disseram que preferem ficar sem TV a seus dispositivos.

A criação de aplicativos específicos, como pede um dos alunos entrevistados, também pode ser uma experiência interessante. Um exemplo disso ocorre atualmente na Univap (Universidade do Vale do Paraíba), onde desde agosto de 2014 vem sendo desenvolvido e testado o Appjor. A ideia do aplicativo foi do professor Fernando Moreira, jornalista, publicitário, pedagogo, mestre e doutorando em Processos Comunicacionais, que há 13 anos leciona na Univap:

Surgiu inicialmente de uma ideia simples: como poderia otimizar o trabalho de revisão se utilizasse formulários eletrônicos para a criação das pautas enviadas diretamente para a nuvem e que eu pudesse acessar de qualquer lugar. Depois de criar os formulários de pauta e espelho para edição pensei em como isso poderia me ajudar a ensinar de forma mais organizada e prática como poderia ser uma redação com o uso de tecnologias que estivessem preparadas para o uso de dispositivos móveis na produção de conteúdo jornalístico.¹⁷

A iniciativa, no entanto, ainda esbarra em algumas dificuldades. A principal, de acordo com o professor Moreira, é quanto à adesão ao aplicativo nos dispositivos móveis. A necessidade de uso de banda para enviar os dados para o servidor faz com que o uso seja mais frequente onde exista wi-fi disponível; além disso, a distribuição inicial foi por QR code¹⁸, o que não despertou grande interesse entre os alunos da Univap. Atualmente, o dispositivo, mesmo em teste, pode ser utilizado nos smartphones e também nos computadores. "Muitas vezes os alunos preferem esse uso pelo tamanho da tela e teclado", explica Moreira. Professores pediram que fossem feitas adaptações para o uso do Appjor na disciplina de Jornalismo Online. A metodologia, neste caso, é a aprendizagem pelo erro, para que os alunos percam o medo de usar a tecnologia e, por meio da observação dos erros e da comparação com as formas corretas, levá-los à teoria que dá suporte ao modo correto de fazer. "Nada

¹⁶ Smartphone foi definido na pesquisa como "um celular que oferece recursos avançados, frequentemente com funcionalidades iguais às de um computador ou a capacidade de fazer download de aplicativos".

¹⁷ Entrevista concedida por email em 8/10/2014 (Anexo 2, p. 41).

¹⁸ QR code, do inglês Quick Response, ou Código QR é um código de barras bidimensional que pode ser esquadrihado pelos telefones celulares equipados com câmera. O código é convertido em texto (interativo), um endereço de URL, número de telefone, localização georreferenciada, e-mail, contato ou SMS. Desde 2003, vêm sendo desenvolvidas aplicações que ajudam a inserir dados nos telefones celulares.

melhor que fazer para aprender", acredita Moreira. O aplicativo é dirigido aos estudantes de Jornalismo que precisam enviar informações, com rapidez, de seus próprios celulares, ao mesmo tempo em que aprendem. Assim, enquanto escreve uma pauta, o aluno pode receber a orientação passo a passo, pesquisar notícias de jornais com links diretos ou no buscador *Google*. Ele também pode falar diretamente com o professor e os colegas por chat, além de enviar fotos e vídeos imediatamente para a redação na Universidade e receber uma aprovação ou uma orientação sobre como executar melhor a reportagem. O Appjor também tem links diretos de previsão do tempo em São José dos Campos e mapas eletrônicos.

Seguindo este caminho e transportando-o para a análise que vimos pretendendo fazer, verificamos que as TICs devem ser utilizadas como ferramentas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem e criar um ambiente em que seja possível o acesso à boa informação. O professor é, mais do que nunca, responsável por mostrar os caminhos para o conhecimento. Neste panorama, não é mais possível que o mestre se considere dono e senhor absoluto da informação.

Assim como o oxigênio matava os seres vivos primitivos até que a vida utilizasse esse corruptor como desintoxicante, da mesma forma a incerteza, que mata o conhecimento simplista, é o desintoxicante do conhecimento complexo. De qualquer forma, o conhecimento permanece como uma aventura para a qual a educação deve fornecer o apoio indispensável. O conhecimento do conhecimento, que comporta a integração do conhecedor em seu conhecimento, deve ser, para a educação, um princípio e uma necessidade permanentes (MORIN, 2000, p. 31).

A seguir apresentamos sugestões de aulas de Telejornalismo com a aplicação das diversas TICs. Os planos de aula propostos podem – e devem – ser modificados segundo as necessidades do professor e aquelas por ele observadas no alunado.

2.4 Não desliguem os celulares, a aula já começou

A dinâmica da sala de aula vem sendo fortemente modificada pela imersão cada vez maior dos estudantes no mundo tecnológico. O professor percebe, com perplexidade e desconforto, que suas aulas disputam a atenção com redes sociais (*Facebook, Twitter*), e aplicativos de comunicação instantânea (*Whatsapp, Messenger*) disponíveis nos smartphones. Sem contar os momentos em que uma discussão planejada pelo professor pode ser alterada subitamente por um estudante que consulte buscadores como o *Google*, por exemplo. Verificamos uma nova configuração da sala de aula com a utilização de tecnologia, independente do uso que o professor faça desta mesma tecnologia.

A sala de aula tradicional, centrada no professor, se choca com a realidade dos jovens e produz um ambiente favorável ao antagonismo e desinteresse. Considerando que apenas as

teorias de aprendizagem isoladamente não conseguem dar conta desta nova dinâmica, propomos o emprego dos recursos da sala de aula invertida e da tecnologia existente para promover a motivação e uma aprendizagem inovadora. Neste espírito, apresentaremos a seguir cinco propostas de aulas de Telejornalismo, para alunos do quinto período do curso de Jornalismo da PUC-Rio, que levam em conta esta dinâmica. Escolhemos como tema das aulas a cobertura jornalística das Eleições 2014 no Brasil.

Em todo o mundo a tecnologia vem sendo cada vez mais inserida na sala de aula e, para isso, existe um sem-número de ferramentas, algumas com preocupação educativa e outras que, embora não a tenham, podem ser utilizadas nesta direção; umas pagas e muitas outras gratuitas. Entre elas, temos: *Discovery Education, Skype, Skype in the Classroom, Todays Meet, Voice Thread, Vimeo, Youtube, Google Drive, Google Hangouts, Poll Everywhere, Facebook, Facetime, Twitter, Messenger, Whatsapp*. Também é extensa a lista de aplicativos voltados para gravação e edição de vídeo, que podem ser experimentados por professores e alunos. Alguns exemplos: *Vyclone, iMovie, SloPro, Video Compressor, VideoPro, 8mm, Vintage Camera*. Destacamos ainda que a sala de aula deverá ter computadores com acesso à Internet e drive de DVD.

Embora os alunos sejam divididos em grupos para a realização de algumas das tarefas sugeridas, o professor buscará evitar que os estudantes se dediquem a uma única função: o ideal será ver todos desempenhando as diferentes funções – da produção à edição final de reportagens em distintas plataformas. Lembramos ainda que o professor deverá ser capacitado para postar textos, vídeos e tarefas a serem realizadas ao longo de todo o curso. Em um ambiente virtual, que fará as vezes de sala de aula, ele também irá estimular a discussão constante da turma sobre o conteúdo presencial ou antecipar tarefas a serem realizadas.

A execução das tarefas nos diferentes ambientes e plataformas tecnológicas será avaliada pelo professor como componente da nota final da disciplina.

AULA 1 – Todo mundo conectado

1 – Tema

Cobertura jornalística das eleições 2014 no Brasil.

2 – Ferramentas

Skype, Facetime, redes sociais, mensageiros eletrônicos (ex: Messenger, Whatsapp, etc.).

3 – Objetivo

As diferentes plataformas e ferramentas vão ser usadas simultaneamente por todos, nas distintas tarefas e na própria comunicação da turma, entre si, e com o professor. A conexão será estimulada pelo professor, trazendo para dentro da sala de aula convencional um comportamento que já faz parte da rotina destes jovens.

4 – Metodologia

Dividir a turma em grupos e pedir que cada um exponha o que observou em relação à linguagem audiovisual e à narrativa televisiva. Discutir os diferentes tratamentos dados em função de horário, emissora e público. Conectar os estudantes pelo *Skype* em sala de aula com jornalistas que cobriram as eleições em diferentes estados (isso vale também para analistas políticos e professores de outras IES) e que podem ser escolhidos pela própria turma.

Observações importantes: o professor terá criado previamente com a turma grupos no *Skype*, *Whatsapp*, *Messenger*, *Twitter* e *Facebook* e terá postado, com antecedência, no *Facebook* da turma, vídeos de diferentes telejornais com notícias das eleições. Também postará *links* de artigos acadêmicos e/ou jornalísticos para a reflexão dos alunos.

AULA 2 – Conectados e comparando telejornais

1 – Tema

Cobertura jornalística das eleições 2014 no Brasil.

2 – Ferramentas

Skype, *Facetime*, redes sociais, mensageiros eletrônicos (ex: *Messenger*, *Whatsapp*, etc.) para localizar as reportagens mais comentadas sobre as eleições nos canais de TV paga e aberta.

3 – Objetivo

Analisar a cobertura das eleições nos diferentes telejornais da TV paga, verificar as diferenças de linguagem audiovisual e a construção da narrativa televisiva. Comparar o tratamento dado às eleições 2014 na TV a cabo e na TV aberta.

4 – Metodologia

Dividir a turma em grupos, a fim de verificar quais são as reportagens mais populares nas redes sociais para, a partir disso, apresentar as conclusões aos colegas e ao professor.

AULA 3 – Mineração de notícias nas redes sociais

1 – Tema

Cobertura jornalística das eleições 2014 no Brasil.

2 – Ferramentas

Skype, *Facetime*, redes sociais, mensageiros eletrônicos (ex: *Messenger*, *Whatsapp*, etc.), smartphones, tablets.

3 – Objetivo

Pesquisar nas redes sociais quais as notícias sobre as eleições que estão sendo mais comentadas. Compará-las com o noticiário convencional das emissoras de TV. Verificar se estas notícias merecem o mesmo destaque na mídia convencional. Promover uma reflexão sobre como os estudantes consomem a informação.

4 – Metodologia

A partir da pesquisa nas redes sociais (*Facebook*, *Twitter*, por exemplo), pedir que a turma faça um levantamento de pautas inéditas e do seu interesse, tomando como base o assunto eleições 2014 no Brasil. Determinar que os alunos desenvolvam cada pauta e publiquem o seu detalhamento na página do *Facebook* da turma. Promover a análise coletiva das sugestões.

AULA 4 – Reportagem de TV fora da TV

1 – Tema

Cobertura jornalística das eleições 2014 no Brasil.

2 – Ferramentas

Skype, *Facetime*, redes sociais, mensageiros eletrônicos (ex: *Messenger*, *Whatsapp*, etc.), smartphones e tablets com câmeras e aplicativos para edição de vídeo e áudio.

3 – Objetivo

Fazer uma reportagem de TV utilizando o smartphone ou tablet. Exercitar a utilização de plataformas móveis em coberturas jornalísticas. A pauta será definida entre aquelas desenvolvidas pelos alunos na proposta de Aula 3.

4 – Metodologia

Determinar que os alunos utilizem seus celulares ou tablets para produzir um flash sobre a campanha eleitoral, com duração pré-estabelecida pelo professor. Os alunos deverão editar seus vídeos nos próprios dispositivos e postá-los na aula em um canal previamente criado pelo professor no *YouTube*. Cada vídeo será analisado e discutido com os colegas e o professor. A edição e a publicação do vídeo no ambiente virtual, assim como as dificuldades e soluções encontradas pelos alunos também serão debatidas pelo grupo.

AULA 5 – Conectados e ao vivo

1 – Tema

Cobertura jornalística das eleições 2014 no Brasil.

2 – Ferramentas

Skype, Facetime, redes sociais, mensageiros eletrônicos (ex: *Messenger, Whatsapp*, etc.), smartphones, tablets e notebooks conectados em pontos de Internet wi-fi em sala de aula e no campus.

3 – Objetivo

Transmitir um flash ao vivo sobre as eleições, utilizando o *Twitcam* e/ou o *Livestream*. O primeiro é um serviço que transmite vídeos ao vivo a partir de *webcams* e os divulga através do microblog *Twitter*. Quem assiste à transmissão pode participar através de *tweets*. O *Livestream* também permite a transmissão gratuita de vídeos ao vivo, como na TV convencional. O aplicativo existe para *Android* e *IOS*, e funciona como uma rede social, em que se podem transmitir vídeos ao vivo, compartilhá-los e comentá-los.

4 – Metodologia

Dividir a turma em grupos para fazer os flashes com duração previamente estabelecida pelo professor. Parte dos alunos acompanhará a transmissão ao vivo em sala de aula e deverá participar dessa "cobertura" por meio de *tweets*. Depois, os alunos que fizeram o flash ao vivo trocam de lugar com o grupo que acompanhou a transmissão em sala de aula, também contribuindo com *tweets* e comentários. Discutir o tempo na TV, o improviso e o imediatismo do "ao vivo".

3 CONCLUSÃO

Vivemos tempos de transição de mídias. Um processo profundo e longo, que talvez nunca chegue a um ponto final, mas continue em permanente modificação. Isto se traduz em mudanças também nos níveis econômico, social, cultural, político e legal das sociedades. Não é possível ignorar que os jovens são os primeiros a se adaptar às tecnologias e práticas culturais emergentes. Eles buscam um lugar só deles, onde pais e professores não possam espiar, controlar, ordenar. "O jovem, então, personifica a mudança que as mídias estão trazendo e é, portanto, o guardião da maioria das práticas culturais" (JENKINS, 2011). Um cenário desafiador e, talvez, assustador, para escolas e professores em tempos de convergência.

As mídias ainda são encaradas basicamente como ameaças e não recursos. A ênfase é dada mais na manipulação e seus perigos do que nas possibilidades de participação. A

preocupação em restringir acessos ainda é recorrente também na escola e, infelizmente, em algumas IES. Conhecer melhor as habilidades dos alunos quanto ao uso de tecnologias pode contribuir para o surgimento de uma relação professor-aluno baseada no diálogo e na cooperação.

É inegável a força transformadora do conhecimento. Mas se o uso pelo uso das tecnologias não leva a nada, o domínio exclusivo de técnicas e práticas de Telejornalismo também não. É importante conhecê-las, preferencialmente dominá-las, para então usá-las de uma forma que faça sentido nesta cultura de convergência. Para que isso ocorra, se faz necessária uma educação midiática para os adultos (pais e professores). Assim talvez possam ser construídos outros caminhos de reflexão, de ensino e de aprendizagem do professor com seus alunos. Concordamos com o alerta feito pelo professor Fernando Moreira na entrevista para este trabalho. Equipar as salas de aula com computadores, tablets e telas interativas sem a devida adequação de metodologia "é a pior maneira de tratar um professor", porque ele é o profissional que planeja o conteúdo programático e o administra de forma dinâmica. A relação do professor com os estudantes também deve ser repensada. Não cabe mais o embate do "desliguem os celulares, saiam das redes sociais, façam silêncio absoluto" porque o professor é o dono da informação que vocês precisam. Pelo que pesquisamos, o processo deve ser de troca e aprendizado mútuo. Não basta equipar a universidade com modernos laboratórios de informática e determinar ao professor que adote o uso de tecnologias em seu curso. É preciso aprofundar os processos de reflexão sobre a prática pedagógica e construir, de maneira colaborativa, situações de aprendizagem em que as novas mídias e seus suportes tecnológicos contribuam para a realização dos objetivos de ensino. Que tal buscarmos entender a tecnologia que nossos jovens estão utilizando neste momento para juntos descobrirmos como ela pode ser empregada para uma boa comunicação? Um primeiro passo é utilizar as TICs para melhorar o processo ensino aprendizagem. Acredito que o prazer de aprender será uma resposta ao prazer de ensinar do mestre.

As principais teorias de aprendizagem não estão conseguindo responder à dinâmica da sala de aula contemporânea, formada por estudantes imersos no mundo tecnológico (e professores nem tanto...). Recebemos em sala de aula jovens que são nativos digitais. Eles nasceram e tomaram consciência de si em um ambiente social permeado por tecnologias. Por isso, têm habilidades para utilizar recursos tecnológicos e também necessidade de interação constante, presencial ou virtual. As interações sociais são o centro da sua vida, que segue modelos e padrões de comportamento propostos pelos distintos grupos sociais aos quais este

jovem pertence. Como consequência, para ele, a família e as instituições de ensino agora têm valor e autoridade reduzidos.

As escolhas destes jovens são muito influenciadas por seu grupo e pela publicidade em diferentes meios. As tendências da moda são valorizadas e eles são exigentes em relação à qualidade, à sofisticação tecnológica e à estética dos produtos que desejam. Isso atinge também a sala de aula: o nativo digital tem exigências estéticas e de atualização contínua em relação aos conteúdos impressos e audiovisuais a que é exposto. O conteúdo, geralmente, não é avaliado por ele, mas a forma, o meio pelo qual circula, a roupagem que os apresenta (CARLINI; TARCIA, 2010, p. 29). As propostas de aula aqui apresentadas se baseiam na crença no diálogo, na colaboração e na interação professor-aluno. Trazer para o universo da sala de aula as ferramentas que permitem o acesso a um volume enorme de informações e incentivar o estudante a utilizar suas habilidades de nativo digital para estabelecer relações entre diferentes universos de conhecimento: este pode ser o caminho inicial para que ele compreenda o mundo de maneira interdisciplinar, com a mediação de um professor e de instituições de ensino próximas da sua realidade, que respeitam, reconhecem e utilizam para o bem de todos as tecnologias existentes e, por que não, as que estão por vir?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENNETT, James; STRANGE, Nick. **Television as digital media**. London: Duke University Press, 2011.

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aron. **Flip your Classroom – Reach every student in every class every day**. Eugene: ISTE; Alexandria: ASCD, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância. Brasília, ago. 2007**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/ReferenciaisdeEAD.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2014.

_____. Presidência da República. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2014.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CARLINI, Alda Luiza; TARCIA, Rita Maria Lino. **20% a distância e agora? Orientações práticas para o uso de tecnologia de educação a distância no ensino presencial**. São Paulo: Pearson, 2010.

CORBELLINI, Ir. Marcos. **Livro da sociedade das escolas cristãs**. La Salle - R. Educ.Ciên. Cult. Canoas, 2000. Disponível em: <http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/artigos/revista_la_salle/2000_v5_n2/macorbellini.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2014.

CORRÊA, Elizabeth Saad; LUÍS, Hamilton. **Convergência de mídias: primeiras contribuições para um modelo epistemológico e definição de metodologias de pesquisa**. Artigo apresentado no 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, na Universidade Federal de Sergipe, 15-17 de novembro de 2007. Disponível em: <<http://www2.eptic.com.br/sgw/data/bib/artigos/49808105523a0de80f95d7947efc14cb.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1987.

FRANÇA, Vera V. A televisão porosa – traços e tendências. In: FILHO, João Freire (Org.). **A TV em transição – Tendências de programação no Brasil e no mundo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública – Investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KHAN, Salman. **Um mundo, uma escola – A educação reinventada**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda., 2013.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. 1997. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/6a_aula/o_que_e_o_virtual_-_levy.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2014.

MATTOS, Sérgio. A evolução histórica da televisão brasileira. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Orgs.). **60 anos de Telejornalismo no Brasil – História, análise e crítica**. Florianópolis, PR: Editora Insular, 2010.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

NMC, Horizon Project. **Panorama Tecnológico NMC 2014 - Universidades Brasileiras - Uma análise regional do Horizon Project**. Artigo apresentado no 20º Congresso Abed de Educação a Distância, em Curitiba/ PR, 6-9 de outubro de 2014. Disponível em: <<http://brasil.wiki.nmc.org/>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV – Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda., 2006.

REIS, Maria Cecília Teixeira; BARBOSA, Telma Regina da Costa Guimarães; CEZAR, Layon Carlos. **Impactos dos referenciais de qualidade para Ead nas universidades federais mineiras**. Artigo apresentado no X Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância, Belém/PA, 11 – 13 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.aedi.ufpa.br/esud/trabalhos/poster/AT1/114092.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2014.

REZENDE, Guilherme Jorge de. 60 anos de jornalismo na TV brasileira: percalços e conquistas. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Orgs.). **60 anos de Telejornalismo no Brasil** – História, análise e crítica. Florianópolis, PR: Editora Insular, 2010.

RODRIGUES, José Carlos. **Antropologia e Comunicação: Princípios radicais**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

ANEXOS

Anexo 1 – Questionário aplicado aos alunos de telejornalismo em setembro de 2014

Doze estudantes responderam espontaneamente, por escrito, às três perguntas seguintes:

1 – O que você costuma usar no seu dia a dia em termos de tecnologia (ex: PC, tablet, celular – especificar), e com que frequência?

2 – O que você costuma usar em termos de tecnologia e ferramentas digitais (ex: tablet, laptop, celular, *Skype*, *Facebook* – especificar) para fazer os trabalhos da universidade?

3 – Do que você sente falta em termos de tecnologia e ferramentas digitais em sala de aula, especificamente na disciplina de Telejornalismo? Cite cada uma delas e, se quiser, diga por quê.

Anexo 2 – Entrevista com o professor Fernando Moreira, da Univap, concedida por email, em 8 de outubro de 2014.

A ideia de criar o Appjor foi sua apenas ou também foi sugerida pelos estudantes?

Surgiu inicialmente de uma ideia simples: como poderia otimizar o trabalho de revisão se utilizasse formulários eletrônicos para a criação das pautas enviadas diretamente para a nuvem e que eu pudesse acessar de qualquer lugar. Depois de criar os formulários de pauta e espelho para edição pensei em como isso poderia me ajudar a ensinar de forma mais organizada e prática como poderia ser uma redação com o uso de tecnologias que estivessem preparadas para o uso de dispositivos móveis na produção de conteúdo jornalístico.

Quanto tempo levou para desenvolvê-lo?

Aproximadamente 10 dias, mas ainda está em testes.

Qual a sua formação? Há quanto tempo o senhor leciona na Univap?

Sou publicitário, pedagogo, mestre e doutorando em Processos Comunicacionais. Entrei na Univap como diretor da TV há 17 anos e leciono há 13 anos.

O senhor é também jornalista? Se não, quem o auxiliou nas necessidades específicas dos jornalistas?

Sou jornalista de registro, trabalho com televisão há mais 30 anos, mas minha experiência nunca foi de redação. A *TV Univap* é uma TV universitária com um modelo educacional apresentado em congressos nacionais e internacionais, com muita experimentação. Foi aqui que nasceu a *TV Climatempo*, fizemos a primeira experiência de hipervídeo do Brasil, desenvolvemos projetos de integração de videoconferência e por TV por satélite e no momento desenvolvemos modelos de interatividade para a *TV Câmara* de uma cidade vizinha. O foco sempre foi a formação, mas sempre com caráter inovador e participação dos alunos nos projetos de forma prática através de um curso prático de televisão, na forma de extensão.

O app já está sendo testado em sala de aula? Em qual disciplina? Há quanto tempo?

O app ainda está em desenvolvimento e sendo testado desde agosto.

O senhor já obteve relatos do professor sobre a utilização dele?

A maior dificuldade é quanto à adesão nos dispositivos móveis pela simples questão de que ao enviar arquivos existe a necessidade de uso de banda para *upload*, somente onde o wi-fi está disponível o uso é mais frequente. Outra dificuldade se deu pela distribuição inicialmente por *QR code* e muitos alunos nem se interessaram em utilizar. Agora o dispositivo está publicado e já está disponível para *Android* aguardando a liberação para *IOS*. Como pode ser utilizado também em desktop (a linguagem em que foi desenvolvido – *html 5* – permite esse uso também) muitas vezes os alunos preferem esse uso pelo tamanho da tela e teclado.

Como a FCSAC vê a utilização deste tipo de tecnologia em sala de aula? Existe alguma resistência da Faculdade ou dos professores?

Nenhuma resistência; inclusive houve o pedido de adaptações para uso na disciplina específica de jornalismo online.

Como o senhor vê a utilização de tecnologias no ensino das disciplinas de Comunicação Social, especialmente no caso da disciplina Telejornalismo?

Essencial. Utilizo como metodologia a aprendizagem pelo erro para perderem o medo de usar a tecnologia e através da observação dos erros e a comparação com as formas corretas buscar a teoria que dá suporte ao modo correto de fazer. Nada melhor que fazer para aprender.

O que o senhor gostaria de dizer aos professores universitários que veem com alguma resistência ou restrição a entrada das TICs em sala de aula?

Sinceramente não acho que exista mais resistência, o que existe é dificuldade no uso de certas ferramentas por pura falta de treinamento; coloca-se para o professor a tarefa de qualificação no uso sem muitas vezes dar os recursos necessários e sem um projeto pedagógico da utilização das TICs. Colocar computadores, tablets e telas interativas sem a devida adequação de metodologia é a pior maneira de tratar um professor que é o profissional que planeja o conteúdo programático e o administra de forma dinâmica de acordo com o alunado. As TICs devem ser utilizadas para melhorar o processo ensino-aprendizagem e criar um ambiente de acesso à boa informação; agora mais do que nunca o professor é o responsável por mostrar os caminhos para o conhecimento, porque não somos mais os donos da informação, isso cabe ao *Google*; utilizar as TICs para mostrar o que fazer com essa informação, esse é o desafio.

Aos colegas de profissão posso dizer apenas que faço sempre uma troca com meus alunos: me ajudem a entender a tecnologia que estão usando nesse momento e juntos vamos ver o que fazer com ela para fazer uma boa comunicação.